

Infância e natureza: leituras de Rousseau para a Educação Infantil

Bianca Polli Rodrigues ⁱ 

Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, PR, Brasil

Resumo

O presente artigo aborda reflexões sobre infância e natureza, com o objetivo de desvelar a produção brasileira recente sobre infância e natureza à luz de Jean-Jacques Rousseau. Realizou-se um Estado do Conhecimento partindo das abordagens de Morosini, Kohls-Santos e Bittencourt (2021), no recorte temporal 2015 a 2025, nas bases BDTD/IBICT e CAPES, com descritores combinados (criança/infância; natureza; Rousseau). Localizaram-se 14 trabalhos; após os critérios, três dissertações compuseram o corpus. Emergiram duas categorias: (i) concepções rousseauianas de infância e natureza (base filosófico-hermenêutica) e (ii) experiências pedagógicas na Educação Infantil em contato com a natureza (base empírica). Os achados indicam escassez de estudos que integrem explicitamente criança, natureza e Rousseau, com concentração em 2020–2021. Propõem-se aproximações mais orgânicas entre teoria e prática, ampliação de descritores e inclusão de periódicos. Conclui-se pela relevância de revisitar Rousseau como interlocutor crítico para reabrir tempos e espaços de natureza na infância.

Palavras-chave: Infância. Natureza. Rousseau. Educação Infantil.

Childhood and Nature: Readings of Rousseau for Early Childhood Education

Abstract

This article offers reflections on childhood and nature, aiming to reveal recent Brazilian scholarship on the topic in light of Jean-Jacques Rousseau. A State of Knowledge review was conducted based on Morosini, Kohls-Santos, and Bittencourt (2021), covering 2015–2025, in the BDTD/IBICT and CAPES databases, using combined descriptors (child/childhood; nature; Rousseau). Fourteen studies were located; after applying criteria, three master's dissertations composed the corpus. Two categories emerged: (i) Rousseauian conceptions of childhood and nature (philosophical–hermeneutic base) and (ii) pedagogical experiences in Early Childhood Education in contact with nature (empirical base). Findings indicate a scarcity of studies explicitly integrating child, nature, and Rousseau, with a concentration in 2020–2021. The study proposes closer theory–practice articulations, broader descriptors, and the inclusion of journals. It concludes by underscoring the relevance of revisiting Rousseau as a critical interlocutor to reopen time and spaces of nature in childhood.

Keywords: Childhood. Nature. Rousseau. Early Childhood Education.

1 Introdução

Nas últimas décadas, a relação entre infância e natureza tem ganhado relevância nas discussões educacionais, sobretudo diante de modos de vida cada vez mais urbanos e acelerados, que restringem experiências corporais e abertas ao mundo. Nesse cenário, revisitamos o pensamento de Jean-Jacques Rousseau (1995) como horizonte crítico para repensar a formação na primeira infância, não como um modelo a ser transplantado, mas como provocação epistemológica capaz de tensionar práticas e sentidos contemporâneos. Interessa-nos, especificamente, compreender se e como a produção acadêmica recente tem articulado criança–natureza à luz de contribuições rousseauianas, considerando a atualidade de noções como desenvolvimento por experiência direta, respeito aos tempos da infância e mediação docente discreta, princípios que permeiam a abordagem de Rousseau (1995).

Este estudo surge no âmbito de uma disciplina do mestrado e se articula à dissertação em desenvolvimento. Naquele percurso preliminar, ao mapear investigações sobre a interação da criança com a natureza, observou-se que a presença de Rousseau era frequentemente residual ou ausente nas análises, apesar da centralidade teórica que seu pensamento pode oferecer para o tema. Essa constatação configurou uma lacuna: existem estudos que examinem, de modo sistemático, em que medida a produção acadêmica brasileira tem dialogado com as contribuições rousseauianas quando trata da relação criança–natureza? É dessa necessidade que emerge o presente trabalho.

O objetivo geral desse estudo consiste em mapear a produção acadêmica brasileira dos últimos dez anos (2015–2025), nas bases BDTD/IBICT e CAPES, que trate da relação entre criança e natureza em diálogo com Rousseau. Como objetivos específicos, propomos: (a) sistematizar os estudos aderentes, evidenciando enfoques, metodologias e níveis de formação; (b) categorizar proximidades de sentido para compreender os modos de articulação teórico-prática entre infância, natureza e princípios rousseauianos; e (c) elaborar proposições que subsidiem investigações e práticas futuras.

Diante disso, organiza-se como um Estado do Conhecimento conforme Morosini, Kohls-Santos e Bittencourt (2021), percorrendo as etapas de Bibliografia Anotada, Sistematizada, Categorizada e Propositiva. Assim, o estudo conjuga uma intenção descritivo-analítica (quantificar e qualificar o que foi produzido) e uma intenção interpretativa-propositiva (indicar caminhos teórico-metodológicos possíveis para a área).

Por meio de buscas estruturadas nas bases indicadas; aplicamos critérios de inclusão/exclusão alinhados ao objeto; organizamos os metadados; procedemos à leitura flutuante e à seleção do corpus; categorizamos por proximidade de sentidos (Bardin, 2016) e, por fim, avançamos para inferências e proposições.

Do ponto de vista teórico, partimos de Rousseau (1995) como eixo de problematização – em especial os conceitos de educação negativa, tríplice educação (da natureza, das coisas e dos homens) e o respeito aos ritmos da infância – e os colocamos em diálogo com autores contemporâneos que reforçam a dimensão experiencial e sensível da infância em relação à natureza, como Larrosa (2002) para a experiência estética como vivência, Tiriba (2018), por meio da crítica ao emparedamento, Louv (2016) amparando o déficit de natureza como chave diagnóstica e Fochi (2023) em propostas heurísticas e investigação do cotidiano, além de leituras que explicitam a polissemia de “natureza” em Rousseau (1995), por meio de Paiva (2023). Essa tessitura evita anacronismos, reconhece limites históricos do autor e aposta na atualização crítica de seus aportes.

Dessa forma, este artigo está estruturado, a seguir, a partir da metodologia do estudo, com os procedimentos e critérios adotados; na sequência, desenvolvem-se as quatro etapas que organizam o percurso — Bibliografia Anotada, Bibliografia Sistematizada, Bibliografia Categorizada e Bibliografia Propositiva. Em seguida, resultados e discussão integram o mapeamento às interpretações orientadas pelos referenciais rousseauianos e por interlocuções contemporâneas, bem como pela Análise de Conteúdo de Bardin, explicitando tendências, inflexões e lacunas. Por fim, as considerações finais apresentam apreciações racionais e críticas, sintetizam as contribuições e encaminham agenda de pesquisa e implicações formativas.

2 Metodologia

4

Este artigo fundamenta-se na metodologia do Estado do Conhecimento (EC), conforme sistematizado por Morosini, Kohls-Santos e Bittencourt (2021). Essa abordagem parte do entendimento de que a produção científica está inserida em um campo constituído por epistemologias, intencionalidades e vínculos institucionais, e que o pesquisador deve realizar um movimento de ruptura com seus pré-conceitos para construir um olhar crítico sobre o objeto investigado. O estado do conhecimento, conforme as autoras, têm relevância por sistematizar a análise do que foi produzido em determinada área. Desse modo, o processo de construção do EC seguiu as quatro etapas propostas pelas autoras.

A primeira, denominada Bibliografia Anotada, corresponde ao levantamento das produções acadêmicas a partir dos descritores definidos, com a organização de resumos e metadados iniciais. A segunda, a Bibliografia Sistematizada, envolve a seleção e o refinamento do corpus a partir da leitura flutuante dos resumos, considerando objetivos, metodologia e aderência ao tema. Na sequência, a Bibliografia Categorizada compreende o agrupamento temático e a análise qualiquantitativa das produções selecionadas, com base em categorias definidas epistemologicamente. Por fim, a etapa da Bibliografia Propositiva visa à elaboração de proposições críticas e inferências a partir dos achados, apontando lacunas e possibilidades de avanço no campo (Morosini; Kohls-Santos, Bittencourt, 2021).

As produções foram localizadas nos bancos de teses e dissertações da CAPES e da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD/IBICT). Para delimitação do corpus, foram utilizadas como descritores principais as combinações: criança AND natureza AND Rousseau e infância AND natureza AND Rousseau. O recorte temporal definido para este estudo compreendeu os últimos dez anos (2015–2025), com o objetivo de identificar tendências recentes da produção acadêmica brasileira sobre a relação entre criança e natureza, considerando a presença, ou ausência, das contribuições de Rousseau.

Foram estabelecidos como critérios de inclusão: teses e dissertações defendidas entre 2015 e 2025; trabalhos vinculados à área da Educação ou áreas

afins; e pesquisas que dialoguem, explícita ou implicitamente, com a temática da criança em contato com a natureza e as contribuições de Rousseau. Por outro lado, foram definidos como critérios de exclusão: trabalhos que não apresentem relação com a infância; produções que utilizem Rousseau em perspectivas desvinculadas da natureza ou da Educação Infantil; e documentos repetidos entre os repositórios.

Após a constituição do corpus, as produções foram sistematizadas em tabelas contendo informações referentes ao ano, autor, título, nível acadêmico, objetivos, metodologia, palavras-chave e principais resultados. A análise foi realizada com base na Análise de Conteúdo proposta por Bardin (2016), contemplando quatro etapas. A primeira consistiu na organização do material e na leitura flutuante dos resumos. Em seguida, ocorreu a codificação das informações centrais de cada trabalho. Posteriormente, desenvolveu-se a categorização temática das pesquisas localizadas, e, por fim, procedeu-se à inferência, momento em que foram elaboradas proposições críticas sobre o campo investigado.

3 Resultados e Discussões

Apresentam-se, a seguir, os resultados e a discussão à luz do referencial teórico adotado e das etapas do Estado do Conhecimento tal como sistematizado por Morosini, Kohls-Santos e Bittencourt (2021). Busca-se articular o mapeamento descritivo ao exame crítico-interpretativo do corpus, de modo a evidenciar tendências, inflexões e lacunas no diálogo entre infância, natureza e Rousseau, culminando em proposições que encaminham desdobramentos para o campo.

3. 1 Infância, natureza e atualizações rousseauianas

Partimos da atualidade do pensamento de Rousseau como horizonte crítico para a formação docente. Inserido no Iluminismo, o autor se distingue por tensionar a crença irrestrita no progresso técnico-científico, interrogando seus efeitos sobre a liberdade e a felicidade humanas. Neste estudo, mobilizamos Emílio, ou Da Educação (1995) como eixo para compreender a infância e a natureza em chave

formativa, sem transpor modelos, mas extraindo provocações para a contemporaneidade.

Em termos de princípios, retomamos: a educação como guarda da infância frente à corrupção social; a tríplice educação (da natureza, das coisas e dos homens); a centralidade do ritmo infantil e da experiência direta com o mundo. Mantemos, como chaves de leitura, as passagens que fundamentam o argumento: “nascemos fracos, precisamos de força; nascemos carentes de tudo, precisamos de juízo. Tudo o que não temos ao nascer e de que precisamos quando grandes nos é dado pela educação” (Rousseau, 1995, p. 8);

Tais formulações sustentam a defesa de um desenvolvimento que respeita os tempos da criança, sem antecipações, orientado por uma educação negativa que “age ao não agir”, educando “pelas coisas” — “quereis cultivar a inteligência de vosso aluno, então cultivai as forças que ela deve governar; [...] que seja homem pelo vigor e em breve ele o será pela razão” (Rousseau, 1995, p. 111). No plano do desenvolvimento, destacamos ainda:

Os primeiros desenvolvimentos da infância ocorrem quase todos ao mesmo tempo. A criança aprende a falar, a comer, a andar quase ao mesmo tempo. É em verdade a primeira fase de sua vida. [...] (Rousseau, 1995, p.57).

Com esse núcleo, abrimos diálogo com teorias contemporâneas que deslocam a ênfase da descrição da obra para os modos de experienciar a natureza na infância. Em consonância com Larrosa (2002), concebemos a fruição estética como experiência vivida, não transmissível por ensino direto; o que ressoa com a proposta rousseauniana de permitir que a criança experimente a natureza em sua potência sensível.

Santos (2016, p. 97) reforça o estatuto filosófico da defesa do contato desde cedo: “[...] pressupõe, a partir da educação natural, um longo processo formativo do indivíduo, que deve começar, já desde a infância, o contato direto com a natureza”. Essa leitura ganha profundidade quando Paiva (2023, p. 26) explicita a polissemia do termo em Rousseau:

Em Rousseau, o termo retém um pouco a compreensão aristotélica da natureza como ordem de coisas. Mais do que isso, o sentido se expande e abarca o estado de natureza, a natureza humana e a Natureza como princípio ontológico do princípio e da essência universal que se aproxima do sublime [...].

Assim, natureza deixa de ser cenário e passa a ser condição de possibilidade da experiência. Na chave do cotidiano escolar, o diálogo com Tiriba (2018) e a crítica ao “emparedamento” da infância indica a urgência de devolver tempo, espaço e mundo às crianças; a reflexão encontra eco nas formulações de Louv (2016) sobre o chamado “transtorno do déficit de natureza”, útil aqui como lente diagnóstica do afastamento das infâncias do ambiente natural. Em paralelo, propostas heurísticas como as de Fochi (2023) e práticas de documentação pedagógica recolocam o professor no lugar de curador de experiências mais do que transmissor de conteúdos, afinando-se com a mediação discreta do preceptor em Rousseau.

Ao mesmo tempo, reconhecemos, com Dala Santa (2020, p. 1), a infância como condição especial de desenvolvimento, o que demanda um plano pedagógico que respeite a integralidade da criança, com a natureza figurando como elemento fundante do formar-se. Esse respeito aos ritmos e à autonomia se alinha à atualização da educação negativa: não um “método” a replicar, mas uma chave crítica contra a aceleração e o adestramento. Silva (2024, p.13) adverte: “é muito difícil pensar a ‘educação negativa’ em sua prática”, lembrando que Rousseau oferece indicações fragmentárias; daí a necessidade de reinterpretações criativas em lugar de transposições literais.

No plano ético-político, o retorno a Rousseau não implica adesão acrítica. É preciso situar limites históricos: elitismos, eurocentrismos e patriarcalismos tensionam a obra, especialmente na educação de Sofia e no recorte de sujeito. Isso exige leitura contextualizada, sem anacronismos, como lembra Moura (2014, p. 225): “[...] Emílio está e não está presente; é uma obra que, curiosamente, traz aspectos de um particular virtualmente dado, mas que, por fim, alcança uma linguagem que é universal. Nisso reside a genialidade de Rousseau”. A força do texto rousseauiano está menos na norma e mais na provocação:

No estado em que agora as coisas estão um homem abandonado a si mesmo desde o nascimento entre os outros seria o mais desfigurado de todos. Os preconceitos, a autoridade, a necessidade, o exemplo, todas as instituições sociais em que estamos submersos abafariam nele a [a criança] natureza e nada poriam em seu lugar (Rousseau, 1995, p. 7).

8

Dessa interlocução resulta um programa mínimo para pensar infância– natureza hoje: (i) desacelerar e resguardar o tempo da infância; (ii) reabrir espaços e situações de encontro com a natureza (pátios, quintais, entornos vivos), sob mediação ética e não diretiva; (iii) cultivar a fruição estética e a experiência sensível como dimensões formativas; (iv) sustentar o papel docente como organizador do mundo para que o mundo ensine. Tais proposições recuperam a crítica rousseauiana às antecipações e reforçam, com a literatura contemporânea, que não se trata de ensinar “sobre” a natureza, mas de viver com a natureza — na escola e para além dela.

Por fim, longe de um retorno idealizado, revisitar Rousseau é interrogar o presente: como garantir tempo, espaço e experiências formadoras em contextos marcados por padronização, dispositivos fechados e escassez de mundo? A resposta, aqui, não é um método, mas uma ética da presença, do cuidado e da escuta, sintonizada com as potências da infância em relação com a natureza — e com um fazer docente que, ao “não agir” de modo impositivo, faz ver e sentir. Isso posto, seguimos para as etapas de análises e resultados.

3. 2 Mapeamento: Bibliografia Anotada

A primeira busca foi realizada na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD/IBICT), utilizando o descritor criança AND natureza AND Rousseau. Foram aplicados o recorte temporal (2015–2025), bem como os filtros e critérios estabelecidos na metodologia. O resultado inicial apresentou seis trabalhos. Contudo, após a leitura flutuante dos resumos, constatou-se que nenhum deles estabelecia relação direta entre as categorias criança, natureza e Rousseau. Dentre esses, apenas um estudo mencionava Rousseau, mas em articulação com políticas

de Educação Infantil, não apresentando vinculação à questão da natureza. Os demais trabalhos não possuíam aderência à área da Educação Infantil, o que levou à não seleção de nenhuma dessas produções para a análise subsequente.

Na segunda busca, procedeu-se à utilização dos descritores infância AND natureza AND Rousseau, com os mesmos filtros e recorte temporal. Essa estratégia resultou em cinco estudos, em grande parte semelhantes aos identificados na primeira busca, também sem estabelecer articulação direta entre infância, natureza e Rousseau. Entretanto, diferentemente da primeira busca, um trabalho foi selecionado por apresentar maior pertinência temática.

Trata-se da dissertação de Silveira (2020), intitulada “Linguagem e educação: um estudo acerca da primeira e segunda infância no Emílio ou Da Educação do filósofo Rousseau”. Embora não trate inicialmente da relação com a natureza, o estudo aborda a concepção de infância em Rousseau, mais especificamente a primeira e a segunda infância, configurando-se como um material relevante para análise posterior, especialmente no que se refere à possibilidade de diálogo com as categorias subsequentes que emergirem.

Na sequência, a busca foi realizada no repositório da CAPES, com os mesmos descritores e recorte temporal (2015–2025). A primeira busca, utilizando o descritor criança AND natureza AND Rousseau, resultou em cinco trabalhos. Após a aplicação dos filtros estabelecidos na metodologia, apenas um permaneceu no corpus inicial. No entanto, observou-se que o trabalho não tratava da área da Educação, apresentando apenas referências gerais a Rousseau. Dessa forma, o estudo não foi selecionado para compor a etapa da bibliografia anotada.

A segunda busca, com a combinação de descritores infância AND natureza AND Rousseau, retornou três trabalhos. Desses, dois apresentaram maior alinhamento com a temática e foram selecionados para a bibliografia anotada. O primeiro refere-se à dissertação de Souza (2021), intitulada “A educação segundo o princípio da natureza em Jean-Jacques Rousseau”. O estudo aborda de forma central o pensamento de Rousseau, especialmente o princípio da natureza como fundamento para a educação, o que o torna relevante para a análise pretendida.

O segundo trabalho selecionado foi a dissertação de Thomaz (2021), intitulada “Pedagogias da Natureza: achados de uma professora de Educação Infantil”. Este trabalho se aproxima da temática ao discutir as práticas educativas em diálogo com a natureza, especialmente no contexto da Educação Infantil, constituindo uma contribuição significativa para o corpus analisado.

O levantamento realizado nas bases BDTD e CAPES resultou, ao todo, em 14 trabalhos localizados a partir das combinações de descritores estabelecidas. A análise da totalidade evidencia que, embora o número inicial de produções localizadas seja relativamente expressivo, a maior parte não estabelece diálogo direto com o objeto desta pesquisa, revelando uma lacuna significativa no campo.

3. 3 Bibliografia Sistemizada

Após a análise dos resumos e a aplicação dos critérios de inclusão e exclusão previamente definidos, três trabalhos foram selecionados para compor a etapa da Bibliografia Sistemizada. Esses estudos, ainda que com enfoques distintos, convergem ao evidenciar contribuições de Rousseau relacionadas à infância e à natureza, seja pelo aprofundamento filosófico de seus princípios educativos, pela reflexão sobre a primeira e a segunda infância em sua obra ou pela aproximação com práticas contemporâneas da Educação Infantil em diálogo com o ambiente natural.

Os três trabalhos selecionados concentram-se nos anos de 2020 e 2021 e correspondem todos a dissertações de mestrado, o que indica a ausência de teses sobre o tema no período analisado e sugere que as investigações nessa direção ainda se encontram em estágio inicial no âmbito acadêmico. Esse dado reforça a percepção de que não há uma tradição consolidada de pesquisas que integrem de forma explícita criança, natureza e Rousseau, mas revela um interesse emergente, sobretudo na pós-graduação em nível de mestrado, em revisitar a pedagogia rousseauiana em chave contemporânea, com especial destaque para a Educação Infantil e a natureza.

3. 4 Bibliografia Categorizada

11

A análise qualitativa do corpus selecionado permitiu identificar duas categorias centrais, definidas a partir do princípio de Bardin (2016) de agrupamento por proximidade de sentido. Tais categorias não foram estabelecidas de forma arbitrária, mas emergiram da leitura aprofundada dos resumos e da análise dos objetivos e referenciais de cada trabalho. Nesse sentido, compreenderam-se como unidades de sentido os modos como as pesquisas se aproximam da obra de Rousseau e articulam sua contribuição com a infância e a natureza. Assim, foram constituídas as seguintes categorias: (1) Concepções rousseauianas de infância e natureza e (2) Experiências pedagógicas da infância em contato com a natureza.

3. 4. 1 *Concepções rousseauianas de infância e natureza*

A primeira categoria reúne trabalhos de caráter predominantemente teórico que se debruçam sobre o pensamento de Rousseau, buscando compreender suas concepções acerca da infância e do princípio da natureza como fundamento educativo. Nessa perspectiva, destacam-se as dissertações de Souza (2021) e Silveira (2020).

A base epistemológica de Souza (2021) é filosófico-hermenêutica, ancorada na leitura de obras de Rousseau com ênfase em Emílio, ou Da Educação. Parte de uma matriz ontológico-educacional que toma a “natureza” como princípio formativo e organiza a argumentação pelos eixos rousseauianos das três educações (da natureza, das coisas e dos homens), incluindo a discussão sobre infância e formação moral.

O “empírico” do trabalho é documental: compõe-se do corpus textual de Rousseau (com centralidade em Emílio) e de comentadores, operando procedimentos de análise conceitual e exegese de passagens-chave para elucidar implicações pedagógicas contemporâneas. Não há coleta em campo; o argumento avança por interpretação sistemática de categorias (natureza, natureza humana,

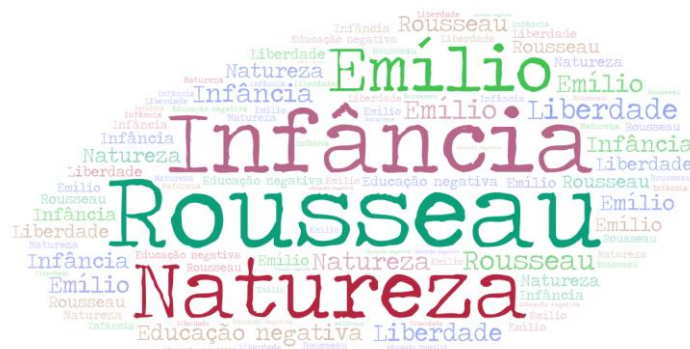
liberdade, educação negativa) e por sua articulação interna no sistema rousseauiniano.

No segundo estudo, a base epistemológica combina filosofia da educação e filosofia/teoria da linguagem, tratando a infância em Rousseau a partir do entrelaçamento linguagem–formação. O referencial articula Emílio com textos como o Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade e o Ensaio sobre a origem das línguas, para discutir a gênese da linguagem, a passagem da liberdade natural à liberdade moral e os fundamentos da educação negativa na primeira e segunda infância.

Tal como no estudo anterior, o “empírico” é documental: um corpus intertextual de obras rousseauianas submetido a análise textual e histórico-conceitual, do qual se extraem categorias (linguagem, experiência, desenvolvimento, moralidade) que permitem aproximar, por via teórica, infância e natureza como condições de possibilidade da formação.

Seus aportes teóricos iluminam as bases da concepção rousseauiana de infância, sobretudo no que concerne à ideia de educação negativa e ao respeito aos ritmos naturais do desenvolvimento infantil. Embora em enfoques distintos, ambos os trabalhos convergem ao reafirmar a relevância do pensamento rousseauiano para o debate contemporâneo sobre infância e natureza, mesmo que ainda em chave filosófica e interpretativa. Dessa forma, organizou-se uma nuvem de sentidos emergentes.

Figura 1 - Nuvem de sentidos emergentes



Observa-se a centralidade dos termos “Rousseau”, “Infância”, “Natureza” e “Emílio”, acompanhados de conceitos-chave como “educação negativa” e “liberdade”. Essa concentração revela a predominância de um eixo teórico-filosófico, em que a obra Emílio, ou Da Educação se apresenta como núcleo de reflexão para compreender a infância em sua especificidade e a natureza como princípio formativo.

A recorrência de termos como “educação negativa” e “três educações” indica que os trabalhos aqui reunidos estão mais voltados a uma leitura interpretativa da obra rousseauiana, destacando sua crítica à antecipação escolar e à artificialidade social. A produção de sentidos nessa categoria, portanto, enfatiza o esforço de ressignificação do legado filosófico como aporte para pensar a infância em diálogo com a natureza, reforçando o caráter teórico-conceitual dessas pesquisas.

3. 4. 2 Experiências pedagógicas da infância em contato com a natureza

A segunda categoria congrega produções de caráter empírico, que exploram práticas concretas em instituições de Educação Infantil e analisam a relação direta das crianças com a natureza. Essa categoria é representada pela dissertação de Thomaz (2021). A base epistemológica do estudo ancora-se em uma perspectiva crítico-pedagógica, sustentada pela articulação entre Educação Infantil, filosofia da natureza e pedagogias ativas. A pesquisa mobiliza referenciais que vão de Rousseau — com a defesa da educação natural e da liberdade infantil — a autores como Froebel, Montessori, Freinet e Tiriba, os quais reforçam a centralidade do brincar, da experiência sensível e do contato com o ambiente natural.

Também se inspira em Espinosa, ao compreender a infância como potência de afecções e alegria, e dialoga com concepções contemporâneas de “desemparedamento” da infância. Essa tessitura epistemológica revela uma compreensão da natureza como espaço formador e da criança como sujeito ativo, cuja autonomia se constrói pela experiência direta com o mundo.

No plano empírico, o trabalho configura-se como uma investigação qualitativa de caráter etnográfico-pedagógico. O corpus é composto por registros da documentação pedagógica produzida pela própria professora-pesquisadora, incluindo observações, anotações, fotografias e áudios das brincadeiras de crianças de três e quatro anos no pátio escolar. A análise centra-se nas interações entre crianças e formas de vida não humanas, buscando compreender como emergem vínculos de cuidado, sensibilidade e valores pró-natureza a partir da experiência lúdica. Dessa forma, a base empírica não se limita a relatar práticas, mas produz uma reflexão sobre a potência pedagógica do brincar livre em contato com a natureza, configurando-se como contraponto prático às abordagens mais teóricas da categoria anterior.

O trabalho de Thomaz contribui de modo singular ao demonstrar como concepções teóricas clássicas podem ser atualizadas e experimentadas no cotidiano da Educação Infantil, problematizando o “emparedamento” da infância e propondo práticas que revalorizam o contato direto com o ambiente natural. Nessa categoria, a centralidade não está apenas na reflexão teórica, mas na experiência concreta da criança com a natureza, reafirmando a atualidade e a pertinência da filosofia rousseauiana como horizonte para pensar práticas educativas mais sensíveis e abertas ao mundo. Seguindo pelo registro dos sentidos emergentes:

Figura 2 - Nuvem de sentidos emergentes



Fonte: Autoria própria, 2025.

Os termos de maior destaque são “Criança”, “Brincar”, “Natureza” e “Pátio escolar”, acompanhados por expressões como “documentação pedagógica”, “experiências pedagógicas” e “desemparedamento”. O campo semântico que emerge aponta para um registro empírico e experiencial, em que a ênfase está no cotidiano da Educação Infantil e nas práticas pedagógicas que favorecem a vivência sensível das crianças em ambientes naturais.

15

O destaque de “criança” como maior palavra traduz o deslocamento do olhar da teoria para a prática, evidenciando a centralidade da experiência infantil como lugar de produção de conhecimento. A recorrência de termos como “brincar” e “pátio escolar” indica que a natureza é compreendida, nessa categoria, como espaço de experimentação, cuidado e formação sensível, em diálogo com a noção de “desemparedamento” defendida por autores contemporâneos. Assim, os sentidos produzidos nesta categoria ressaltam a dimensão prática, afetiva e pedagógica da relação criança-natureza, demonstrando como a filosofia rousseuniana pode inspirar práticas educativas concretas.

A organização do corpus em duas categorias permitiu evidenciar diferentes modos de aproximação entre Rousseau, infância e natureza. Juntas, as duas perspectivas revelam que o campo se constitui tanto pela força teórica da tradição rousseuniana quanto pela potência das práticas contemporâneas, oferecendo uma leitura complementar: de um lado, a fundamentação filosófica que ancora a discussão; de outro, a experiência concreta das crianças em diálogo com o ambiente natural. Essa complementaridade explicita que as pesquisas não se restringem a revisitar Rousseau em chave histórica, mas o reinscrevem como interlocutor vivo, capaz de tensionar práticas e inspirar novas possibilidades educativas.

3. 5 Bibliografia Propositiva

A análise do corpus selecionado permite elaborar proposições que ultrapassam a mera descrição das pesquisas e indicam caminhos de reflexão para o campo. De forma geral, observa-se que os três trabalhos analisados conferem centralidade à contribuição de Rousseau para pensar a infância e, em alguns casos,

a relação com a natureza, mas ainda de modo fragmentado. Embora apontem para a relevância da filosofia rousseauiana como horizonte formativo, nem sempre articulam de maneira consistente o vínculo entre infância, natureza e práticas educativas contemporâneas.

Os estudos de caráter mais teórico reafirmam a atualidade de conceitos como a educação negativa, a tríplice educação e a centralidade da natureza como princípio formativo. No entanto, tais pesquisas carecem de uma interlocução mais estreita com as práticas atuais, permanecendo circunscritas ao campo filosófico. Já a produção de caráter empírico evidencia a potência da natureza como espaço pedagógico, especialmente ao discutir o brincar livre e o desemparedamento da infância, mas poderia se beneficiar de uma fundamentação filosófica mais sistemática que ampliasse o diálogo com a obra de Rousseau.

Nesse sentido, as proposições que emergem desta investigação indicam a necessidade de: (1) aprofundar a articulação entre teoria e prática, de modo que as categorias rousseauianas não sejam tomadas como modelo a ser transposto, mas como provocação epistemológica para repensar a infância no tempo presente; (2) ampliar as pesquisas empíricas que investiguem experiências pedagógicas de contato da criança com a natureza, conectando-as às contribuições clássicas e contemporâneas do campo; (3) explorar de forma crítica o conceito de déficit de natureza (Louv, 2016) e seu diálogo com o “emparedamento” da infância (Tiriba, 2018), de modo a tensionar os impactos da vida urbana e das instituições escolares fechadas sobre o desenvolvimento infantil; e (4) valorizar a dimensão estética e sensível da relação da criança com a natureza, conforme apontado por Rousseau e atualizado por autores como Larrosa (2002), reconhecendo a infância como tempo de abertura ao mundo e de formação ética e moral.

Assim, a bibliografia propositiva aponta para a urgência de revisitar Rousseau não como modelo idealizado ou solução pronta, mas como interlocutor crítico e inspirador para pensar caminhos possíveis diante das demandas da contemporaneidade. Em um contexto marcado pela aceleração, pela padronização dos currículos e pelo afastamento da infância em relação ao mundo natural, sua

obra permanece fértil para fundamentar uma pedagogia que resgate a sensibilidade, a liberdade e a experiência estética da criança em contato com a natureza.

4 Considerações finais

Este estudo buscou responder ao problema de pesquisa por meio de um Estado do Conhecimento (2015–2025) nas bases BDTD/IBICT e CAPES. O mapeamento localizou 14 trabalhos; após aplicação dos critérios de inclusão e exclusão, 3 dissertações de mestrado (2020–2021) compuseram o corpus analisado. A categorização indicou dois eixos: (i) concepções rousseauianas de infância e natureza (base filosófico-hermenêutica) e (ii) experiências pedagógicas da infância em contato com a natureza (base empírica no cotidiano da Educação Infantil). As nuvens de palavras reforçaram tal distribuição: na Categoria 1, “Rousseau” emerge como núcleo semântico; na Categoria 2, “criança” ocupa o centro, sugerindo o deslocamento do foco da teoria à prática.

Os achados permitem afirmar que a interlocução explícita entre criança, natureza e Rousseau é incipiente no período analisado. A presença do autor aparece com maior vigor no plano teórico-conceitual, enquanto a articulação prática — quando ocorre — tende a se apoiar em experiências localizadas, ainda pouco ancoradas em um diálogo rousseauiano sistemático. A concentração temporal (2020–2021) e a predominância de dissertações sugerem um campo em fase inicial de consolidação, sem teses identificadas no recorte. Em termos de objetivo, portanto, o estudo cumpre a proposta de mapear, sistematizar e interpretar tendências, evidenciando uma lacuna: faltam investigações que integrem, de forma orgânica, os princípios rousseauianos (educação negativa, tríplice educação, respeito aos ritmos) às situações concretas de contato da criança com a natureza.

Do ponto de vista das contribuições, o trabalho: (a) oferece uma cartografia atualizada do tema nas duas bases nacionais; (b) produz uma chave interpretativa em duas categorias complementares (teoria e prática), útil para análises futuras; e (c) explicita implicações formativas: reabrir tempos e espaços para a infância, fortalecer a mediação discreta do adulto e cultivar a experiência sensível e a fruição

como dimensões formativas em contextos onde a natureza não seja apenas cenário, mas condição de possibilidade da aprendizagem. Tais proposições não tomam Rousseau como modelo a ser transposto; antes, assumem-no como interlocutor crítico para reorientar caminhos pedagógicos contemporâneos.

Entretanto, o recorte a duas bases e a um intervalo temporal pode ter subestimado produções relevantes; a seleção por descritores específicos (criança/infância; natureza; Rousseau) tende a não capturar pesquisas que operem com sinônimos ou terminologias próximas; a decisão de privilegiar teses e dissertações exclui deliberadamente artigos e livros que poderiam adensar o panorama; e a etapa de triagem apoiada em resumos reduz, no início do processo, a profundidade interpretativa. Tais limites não invalidam os resultados, mas delimitam seu alcance.

Em vista disso, propomos uma agenda de pesquisa: (i) ampliar descritores (p.ex., “ambiente natural”, “ar livre”, “pátio”, “meio natural”, “experiência sensível”, “educação da natureza”, “educação pelas coisas”); (ii) incluir periódicos e livros nacionais, além de repositórios internacionais; (iii) realizar análises de conteúdo integrais dos textos completos, para além dos resumos; (iv) explorar estudos comparados por regiões e contextos institucionais; (v) articular a temática à formação inicial e continuada de professores, investigando práticas de mediação que traduzam, criativamente, princípios rousseauianos; e (vi) incorporar abordagens mistas (qualitativas e quantitativas) e metodologias de documentação pedagógica que tornem visíveis processos e aprendizagens em contato com a natureza.

O estudo confirma a relevância de revisitar Rousseau (1995) para pensar o presente: não para replicá-lo, mas para tensionar a escolarização acelerada, revalorizar o tempo da infância e recolocar a natureza como parceira formativa. Ao evidenciar a escassez de pesquisas que integrem explicitamente esses três eixos, o mapeamento justifica e convoca novos esforços investigativos e formativos. A contribuição principal, aqui, é abrir trilhas: da teoria que problematiza às práticas que, no cotidiano, devolvem à criança tempo, espaço e experiência — para que o mundo, enfim, possa ensinar.

Referências

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2016.

DALA SANTA, Fernando. A criança e o seu mundo: considerações acerca da educação natural nos dois primeiros livros do Emílio de Rousseau. **Educação**, Santa Maria, v. 45, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.5902/1984644431798>. Acesso em: 16 jun. 2025.

FOCHI, Paulo. **O brincar heurístico na creche**: percursos pedagógicos no Observatório da Cultura Infantil – *OBECI*. 2. ed. São Paulo: Diálogos Embalados: Paulo Fochi Estudos Pedagógicos, 2023. ISBN 978-65-980068-1-5.

KOHL-SANTOS, Pricila; MOROSINI, Marília Costa. O revisitar da metodologia do estado do conhecimento: para além de uma revisão bibliográfica. **Revista Panorâmica Online**, [S. l.], v. 33, 2021. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/revistapanoramica/index.php/revistapanoramica/article/view/1318>. Acesso em: 23 maio 2025.

QUINTAIS BRINCANTES (Brasil). **Quintais Brincantes**: Sobrevoos por vivências educativas brasileiras. 1. ed. [S. l.: s. n.], 2022. p. 110. Disponível em: <https://criancaenatureza.org.br/wp-content/uploads/2022/03/Quintais-Brincantes-Sobrevoos-por-Vivencias-Educativas-Brasileiras.pdf>. Acesso em: 27 jun. 2025.

LARROSA BONDÍA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, n. 19, p. 20–28, jan./abr. 2002. Tradução de João Wanderley Geraldi. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/Ycc5QDzZKcYVspCNspZVDxC/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 3 jul. 2025.

LOUV, Richard. **A última criança na natureza**: Resgatando nossas crianças do transtorno do déficit da natureza. 1. ed. São Paulo: Aquariana, 2016. p. 412. ISBN 978-85-7217-174-8.

MOURA, Rosana Silva de. A interpretação da estética da infância em Rousseau e Benjamin. **Revista Contrapontos** (Online), Itajaí, v. 14, n. 1, p. 220–233, jan./abr. 2014. ISSN 1984-7114. Disponível em: <https://www.univali.br/periodicos>. DOI: 10.14210/contrapontos.v14n1.p220-233. Acesso em: 27 jun. 2025.

PAIVA, Wilson Alves de. **Rousseau e a estética dos jardins**. Goiânia: Cegraf UFG, 2023. (Coleção Cultura, Estética e Educação, v. 3). e-book. ISBN 978-85-495-0688-7.

PEREIRA, A. S. M.; FERREIRA, T. F. A abordagem mista nas teses do Programa de Pós-graduação em Educação da UFMG (2017-2019). **Revista Cocar**, [S. l.], v. 15, n.

32, 2021. Disponível em:

<https://periodicos.uepa.br/index.php/cocar/article/view/4184>. Acesso em: 28 set. 2025.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Emílio, ou da educação**. Tradução de Sérgio Milliet. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

SILVA, Diógenes Galdino Moraes. A educação da criança segundo o conceito de educação negativa em Rousseau. **Revista Educação PUC-Campinas**, Campinas, v. 29, e2410419, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.24220/2318-0870v29e2024a6041> Acesso em: 16 jun. 2025.

SILVEIRA, Taynara Pereira. **Linguagem e educação**: um estudo acerca da primeira e segunda infância no Emílio ou Da Educação do filósofo Rousseau. 2020. Dissertação (Mestrado em Educação) — Universidade Federal do Maranhão, Maranhão, 2020. Disponível em: <https://tedebc.ufma.br/jspui/handle/tede/3092>. Acesso: 11 set. 2025.

SANTOS, Almir Paulo dos. Educação “pelas coisas”, princípio pedagógico no iluminismo de Rousseau. **Educação** (Porto Alegre), v. 39, n. esp., p. 96–105, dez. 2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.15448/1981-2582.2016.s.21898>. Acesso em: 27 jun. 2025.

SOUZA, Rodolfo de. **A educação segundo o princípio da natureza em Jean-Jacques Rousseau**. 2021. Dissertação (Mestrado em Educação) — Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Campinas, 2021. Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/Acervo/Detalhe/1168457>. Acesso: 11 set. 2025.

THEODORO, Ana Carolina. Natureza, sociedade e educação: elementos para uma leitura contextualizada de Emílio, de Jean Jacques Rousseau. In: BOTO, C., ed. **Clássicos do pensamento pedagógico**: olhares entrecruzados [online]. Uberlândia: EDUFU, 2019, pp. 43-69. História, Pensamento, Educação collection. Novas Investigações series, vol. 9. ISBN: 978-65-5824-027-3. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/fjnhs/pdf/boto-9786558240273-04.pdf> Acesso em: 16 jun. 2025.

THOMAZ, Raianne da Silva Alves Bernardo. **Pedagogias da Natureza**: achados de uma professora de Educação Infantil. 2021. Dissertação (Mestrado em Educação) — Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), Rio de Janeiro, 2021. Disponível em: <https://www.unirio.br/ppgedu/dissertacoes/repositorio-de-dissertacoes/1f4c22021/2021>. Acesso: 11 set. 2025.

TIRIBA, Lea. **Educação Infantil como direito e alegria**: Em busca de pedagogias ecológicas, populares e libertárias. 1. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2018. v. 308. ISBN 978-85-7753-339-8.

ⁱ **Bianca Polli Rodrigues**, ORCID: <https://orcid.org/0009-0004-4768-032X>.

Universidade Estadual de Ponta Grossa

Mestranda em Educação (PPGE/UEPG). Pesquisa relações entre infância e natureza, com ênfase em experiências e formação continuada docente na Educação Infantil. Integra grupos de estudo em teorias da educação e infância.

Contribuição de autoria: Concepção do estudo; delineamento metodológico (Estado do Conhecimento); buscas nas bases (BDTD/IBICT e CAPES) e triagem; organização do corpus; análise (categorização e proposições); redação e revisão crítica do manuscrito.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6799260143401990>.

E-mail: biancapollirodrigues@gmail.com

Editora responsável: Arlene Stephanie Menezes Pereira Pinto

Recebido em 25 de setembro de 2025.

Aceito em 26 de outubro de 2025.

Publicado em 27 de outubro de 2025.

Como citar este artigo (ABNT):

RODRIGUES, Bianca Polli. Infância e natureza: leituras de Rousseau para a Educação Infantil. **Ensino em Perspectivas**, Fortaleza, v. 6, n. 1, 2025.